

Louvada Santa Cruz dos Milagres: Organização Pastoral na Romaria a Santa Cruz dos Milagres – Piauí (1968-1976).

RESUMO: O Santuário de Santa Cruz dos Milagres se tornou ao longo dos anos um dos principais pontos de adoração católica no Piauí, o templo se localiza no semiárido piauiense e guarda uma das maiores relíquias católicas do Estado, a venerada Cruz de Aroeira, a Divina Santa Cruz dos Milagres como é conhecida por seus devotos, que é feita de uma árvore importante na região, a própria cruz traria os traços de resistência dos sertanejos que a cultuam e que se reconhecem na própria resistência da Santa. Assim buscaremos discutir a importância de Santa Cruz dos Milagres na formação sócio religiosa do Sertão piauiense, pensando como a religiosidade católica foi capaz de dá vida e importância à cruz de madeira, levando tantas pessoas não só do Piauí mais dos estados circunvizinhos como Maranhão e Ceará, a buscar suas graças; analisaremos ainda a formação pastoral e a inserção mais efetiva da Igreja Católica no culto a partir do ano de 1968, quando as transformações na Igreja Católica permitiram um diálogo maior entre as manifestações litúrgicas e a fé popular. Tomaremos como base o Livro do Tombo, fazendo inclusive uma leitura a contrapelo, focadas em uma análise dos sujeitos da margem, seus devotos – romeiros, que eram na sua grande maioria camponeses, que buscavam o milagre e condições de vida mais aprazíveis a partir da misericórdia da Santa.

Palavras – Chave: Devoção, Santa Cruz dos Milagres, Piauí.

Introdução

Fincado no sertão do Piauí é o único Santuário reconhecido pelo Vaticano no estado, o Santuário de Santa Cruz dos Milagres atrai, anualmente, um número considerável de pessoas, cerca de 50mil fiéis, que buscam pela venerada cruz de madeira, que teria sido presenteada por um beato peregrino, sendo percebida quase como um presente de Deus, enviado para dar ânimo e esperança ao sertanejo piauiense.

A tradição oral conta que um beato, de quem não se sabe nome, nem paradeiro, apareceu a um vaqueiro, pedindo que o mesmo abrisse um buraco nas rochas para que ele, o beato, pudesse fincar uma cruz de madeira, feita com um galho de árvore muito comum na região, a aroeira, e a colocasse no chão. O vaqueiro, a princípio, considerou impossível atender o pedido do beato, já que o lugar que ele havia pedido para que

cavasse era o alto de um morro pedregoso. O beato, ao perceber que o vaqueiro não havia cavado nada,

[...] com as pontas dos dedos fêz um pouco de pressão na pedra e sacou com facilidade um tampão de pedra correspondente a um buraco perfeito de meio metro de fundura, onde plantou a cruz de madeira, anunciando ao vaqueiro, admirado a realização, ali naquele lugar [...] aquele sinal, verdadeiros prodígios e milagres [...]. (LIVRO DO TOMBO I - SÃO FELIX (1968-1983, p. 01).

Em seguida, desceu o morro acompanhado do vaqueiro e lhe mostrou um “olho d’água” desconhecido na região.¹ O velho beato desapareceu e o vaqueiro voltou ao seu trabalho. Algum tempo depois, a filha do vaqueiro adoeceu, e, apesar das rezas e promessas, a menina não apresentava qualquer melhora. É nesse momento que o vaqueiro se recorda do que lhe havia dito o beato sobre o olho d’água e a cruz instalada no alto do morro. Ele, então, toma a filha nos braços e a leva para ser banhada na água milagrosa e pede à misteriosa cruz pela saúde da filha, que se recupera. A notícia do milagre se espalha, e a partir de então, romeiros de todo o Piauí e de outras regiões do Nordeste visitam a cidade em busca de graças. Essa narrativa sobre a origem da devoção a Santa Cruz dos Milagres nasce de um “mistério”, a exemplo de muitas outras devoções cristãs.

Apesar da importância da devoção à Bendita Santa Cruz, poucos são ainda as obras de circulação nacional; ficando alguns trabalhos restritos ao meio acadêmico local, como os artigos e os trabalhos produzidos no âmbito de Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* que versam sobre esta devoção e sobre suas festas. Localizamos alguns trabalhos realizados junto à Universidade Federal do Piauí, a Universidade Estadual do Ceará e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.²

¹ Essa narrativa é contada pelos devotos de Santa Cruz dos Milagres. O lugar, inclusive, é preservado como a primeira marca do “extraordinário”, sendo que o relato pode ser encontrado também no livro de memórias de Padre Davi Mendes de Oliveira, intitulado *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história*.

² BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de Mestrado; CARVALHO, Jucilaine Maria de. *Exaltação do profano na Festa do Sagrado em Santa Cruz dos Milagres – PI*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2013. Dissertação de Mestrado; DIAS, Edilene Gonçalves do Nascimento. *O ESPAÇO SAGRADO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Dissertação de Mestrado. OLIVEIRA, Stanley Braz de. *A HIERÓPOLIS DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI: produção de um lugar através do sagrado (1992 – 2008)*. Universidade Estadual do

O texto busca focar nas mudanças por qual passou o Santuário de Santa Cruz dos Milagres a partir de 1968 com a chegada de Padre Davi Mendes de Oliveira, inclusive observando as mudanças nas festas a inserção de alguns elementos como o Encontro de Santos, considerada pelo clérigo como a verdadeira romaria de Santa Cruz dos Milagres, as mudanças ocorridas em Santa Cruz dos Milagres refletem em certa medida as intervenções que aconteceram na própria Diocese do Piauí, com uma maior atuação junto do povo, ao mesmo tempo em que a Igreja Católica local tenta melhorar os ritos e a participação dos fiéis nas festas religiosas.

As mudanças na terra da Bendita Santa Cruz.

A devoção à Santa Cruz dos Milagres surge numa região árida do Piauí, a chamada região valenciana, composta hoje por 15 municípios, uma zona de transição entre o norte e o sul do estado do Piauí. Alguns memorialistas, como o Padre Miguel de Carvalho (2009), que foi o primeiro a fazer o censo demográfico da então freguesia do Piauí, aponta a presença, no ano de 1669, de pequenos currais na região que hoje seria Santa Cruz dos Milagres, sugerindo a existência de algumas fazendas que margeiam o “Riacho São Nicolau. Corre do sul para o norte. Entre no Rio São Bitor (Sambito)” (CARVALHO, 2009, p. 32) uma região de rios intermitentes, o que garantiria a instalação de grande fazendas agropastoris.

Esses relatos de Padre Miguel de Carvalho são confirmados pelos historiadores piauienses que se debruçaram sobre o processo de ocupação e povoamento do Piauí, sendo que a região onde hoje encontra-se o Santuário de Santa Cruz dos Milagres esteve cercada por fazendas agropastoris escravistas. Historiadores como Odilon Nunes (2007), José de Alencastre (2015), Tanya Brandão (2015) e Monsenhor Joaquim Chaves (2013) analisam esse processo de ocupação. Alencastre, inclusive, aponta a região valenciana como um espaço promissor: “[...] foi a primeira que tentou com algum resultado próspero a lavoura de cana, e tem continuado até hoje, porém em pequena escala, porque seus habitantes, como os de toda a Província, também preferem a criação de gado a qualquer outra indústria” (ALENCASTRE, 2015, p. 138).

Piauí: Fortaleza, 2011. Dissertação de Mestrado; SANTOS, Patrícia de Sousa. “Bendita e Louvada Seja”: experiências sociais de fé – mercado e festa na devoção a Santa Cruz dos Milagres, no Piauí (1958-2012). Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2013. Dissertação de Mestrado.

É importante lembrar que o Piauí teve o gado como mola propulsora do seu processo de “colonização”, sendo que a ocupação do território piauiense teve início na região semiárida do estado, através do ingresso dos grupos formados por Francisco Dias D’Ávila, que vinham da Casa da Torre, na Bahia, e pelo bandeirante Domingos Afonso Mafrense. O Piauí foi, portanto, povoado por uma elite rural e empenhada na propagação do cristianismo, como propõe Tanya Brandão (2015). O processo de entrada do sertão, em especial do Piauí, não respondia apenas aos desejos econômicos de comércio internacional, “mas, sobretudo, porque a criação de gado deu origem a sociedade do sertão e essa se desenvolveu bastante articulada com princípios colonizadores” (2015, 68), assim, o objetivo era conquistar novos territórios pacificando os nativos.

Essa elite chegou acompanhada de missionários jesuítas, que com “o rigor doutrinário característico da Companhia de Jesus, consubstanciou interesses econômicos, sociais e políticos que sobrelevaram os objetivos de evangelização” (BANDEIRA, 2000, p. 163). No caso do Piauí, a curta permanência dos jesuítas não impediu, no entanto, como aponta Higino Cunha (2015), que a ordem deixasse a sua marca na arquitetura das Igrejas e nas formas de celebração dos piauienses.

Sabe-se que a devoção à Santa Cruz dos Milagres surgiu a partir do pedido de restabelecimento da saúde de uma enferma, sendo que o primeiro milagre a ela atribuído foi a cura da filha de um vaqueiro, partindo da própria oralidade e das fontes recolhidas, sugerem que essa cura teria ocorrido por volta da década de 1850. Mas as narrativas e os pedidos se aperfeiçoaram com o passar do tempo, sendo que os fiéis deixam de pedir apenas a intervenção da santa para a cura e buscam o atendimento de outros pedidos (TAVARES, 2012), que vão desde a conquista da casa própria até a nomeação ou eleição para um cargo eletivo. Quando agraciados, os fiéis atribuem a conquista ao poder interventor da Santa Cruz dos Milagres, que parece adequar-se a todas as solicitações feitas por seus devotos.

O primeiro “templo” em homenagem à santa teria sido erguido ainda no século XIX, como informado no Livro de memórias escrito pelo padre Davi Mendes de Oliveira, e que foi a partir de seu ministério que o Santuário passou a ter maior

visibilidade. Em 1968, padre Mendes assumiu a Paróquia de São Felix, da qual fazia parte a pequena capela de Santa Cruz dos Milagres.

Ao chegar em Santa Cruz dos Milagres, padre Davi Mendes percebeu que a estrutura local dificultava a ação pastoral e, para melhor organizar o culto à santa, passou a cobrar do poder público melhorias na infraestrutura do povoado, que à época da sua chegada não tinham acesso à água potável, sendo que suas ruas eram pequenos becos, que, na época da festa, ficavam superlotadas de pessoas, dificultando o atendimento espiritual.

A organização pastoral deveria ser feita não apenas com uma mudança nos ritos ou com uma maior aproximação do povo com a Igreja, mas também com ações efetivas do Estado que garantissem a permanência e ida dos devotos ao Santuário, quanto os devotos deveriam ser orientados para um diálogo mais religioso com a divindade, para a Igreja qualquer excesso deveria ser inserido com a inserção dos sacramentos que purificaria os devotos e conseqüentemente os “domaria”.

Retomando as memórias de Santa Cruz dos Milagres, Padre Davi Mendes faz referência à perda de documentos importantes sobre a construção do templo religioso, pois, segundo ele, a primeira documentação teria se extraviado. Pode-se, também, aventar que uma parte dessa documentação possa ter se extraviado entre o Piauí e o Maranhão, já que, até 1891³, a província eclesial do Piauí pertencia ao Maranhão.

A notícia escrita mais antiga que se tem de Igreja em Santa Cruz dos Milagres encontra-se no 2º Livro de Tombo da Paróquia de Valença. É uma provisão do Bispo do Maranhão, Dom Antônio Cândido de Alvarenga, nomeando o Sr. Joaquim Manoel Pereira de Sousa como “procurador da Capella de Santa Cruz dos Milagres, em terras da Fazenda Jatobá”. Segundo o direito do tempo, esta Provisão foi reconhecida e confirmada em 20 de junho de 1888 pelo Dr. João Gabriel Batista, Juiz de Direito de Valença, a cujo termo pertencia aquela capela. Antes disso foram encontrados somente apontamentos de batizados naquela capela, em 1881. Quem sabe, o 1º Livro do Tombo de Valença, já perdido, trouxesse indicações mais antigas (OLIVEIRA, 1991, p. 11).

³ O Piauí, até o ano de 1889, não tinha independência eclesial, estando subordinado a dois bispados, primeiramente, a Pernambuco e, por fim, ao Maranhão. A mobilização em torno da autonomia eclesial do Piauí teria se iniciado ainda no começo do século XIX, sendo uma exigência que vinha da elite piauiense e de um grupo de sacerdotes que desejavam a criação do bispado no estado. In MELO, Pe Cláudio. *Piauí, Diocese e província eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.

Mas a falta de documentos, até mesmo sobre o beato que teria confeccionado a cruz não impediu que a Santa ganhasse notoriedade e, logo, seu poder milagroso fosse propagado pela região. A tradição oral deu à Santa Cruz um lugar de destaque no panteão das devoções piauienses, pois concedia saúde à população, em um período em que ela era considerada a maior riqueza, pois garantia a permanência no trabalho, principalmente, na lavoura.

Não era apenas a maior presença de padres que a população reivindicava, mas também a de médicos, como apontado por Rafaela Silva, quando discute a criação da Comissão de Saúde e da Santa Casa de Misericórdia, sendo que esta “foi criada no intuito de oferecer tratamento terapêutico àqueles que não possuíam condições financeiras de tratar-se de modo particular” (SILVA, 2016, 47). Apesar da criação desses órgãos públicos de saúde, a assistência não era oferecida de modo igual para o restante da população e nem teve seu serviço expandido para todas as regiões do Piauí, já que esses serviços de saúde se mantiveram durante muito tempo de modo exclusivo na capital e nas maiores cidades do Piauí, como, por exemplo, Parnaíba. .

A vida religiosa no semiárido piauiense se fazia com pouca assistência religiosa, como observado por Luiz Roberto Benedetti (1983), para quem, nessas regiões rurais e com número pequeno de padres e, até mesmo, com pouca atuação do Estado, teria surgido o que ele denominou de um “catolicismo rústico” (1983, p. 27). Este tipo de catolicismo se desenvolveu sem controle eclesial e, conseqüentemente, criava seus santos e suas formas de rito, o que não significava que eram desordenados, pois, pelo contrário, havia uma organização para as celebrações e comemorações aos santos que reunia a população.

Essa religião popular não deixa testemunho escrito, o que já é sintoma de sua condição de religião dominada e que será expropriada. [...]. Havia uma preocupação com a presença do padre. Ele se fazia necessário nos momentos culturalmente significativos, principalmente o nascimento (batismo) e morte (BENEDETTI, 1983, p. 28).

Muitas das práticas próprias deste catolicismo rústico se fazem presentes na oralidade, enquanto que os documentos produzidos pelos missionários, quer sejam eles jesuítas, franciscanos ou beneditinos, nos trazem informações sobre sua ação

evangelizadora nas regiões mais distantes do Brasil. Nas regiões em que a presença dessas ordens não foi tão forte, as devoções populares e os santos não canônicos ganham destaque e honras. Alguns, com experiências tão semelhantes à de seus devotos, mas com glórias pela forma como se deu sua morte ou pela quantidade de graças que puderam atender, acabaram encontrando espaço nesses ambientes rurais para se tornarem santos.

Essas regiões foram também redutos de messias sertanejos, sujeitos que ensinavam as primeiras orações e o catecismo aos seus seguidores, uma vez que alguns deles eram letrados e católicos, apesar de se encontrarem distantes dos padrões institucionais de evangelização. Eduardo Hoornaert (1997), que analisa a ação de Antonio Conselheiro na região de Vaza Barris, na Bahia, afirma que esses homens de hábitos simples eram vistos por seus contemporâneos como sábios, capazes de promover justiça social em uma região tão castigada pela seca e também pelo mandonismo. Já no Ceará, na região do Cariri, a 445 km de Santa Cruz dos Milagres, a população tornou santo um padre, “Padim Ciço” o bem-feitor daqueles sertanejos que atraiu uma multidão no final do século XIX para o esquecido povoado de Juazeiro do Norte, na região do Crato. A devoção a Padre Cícero foi tema de centenas de trabalhos, merecendo destaque o trabalho de Ralph Della Cava (2014), que aponta para o poder agregador do padre Cícero Romão e a relação que o padre milagreiro estabeleceu com as lideranças da política local cearense.

Assim como a Santa Cruz dos Milagres, o padre bem-feitor serve como elemento de atração, mas, diferentemente do que ocorreu na romaria do Piauí, a devoção a padre Cícero transformou o pequeno povoado de Juazeiro do Norte em polo econômico, tendo a devoção como mola propulsora desse desenvolvimento, pois a partir dessa busca ao “Padim Ciço”, os peregrinos se instalaram na região e, junto ao poder público, souberam aproveitar a movimentação de fiéis que recorriam a ele:

A afluência de romeiros a Juazeiro produziu um impacto econômico imediato, transformando-se a vila-santuário em um progressista centro agrícola, comercial e artesanal do sertão nordestino [...] a motivação da ida dos peregrinos para o povoado não pode ser atribuída somente a dados religiosos; reside também em fatores de ordem econômica, já que muitos romeiros viam na ida para aquela Terra Santa uma maneira de superar a pobreza crônica e a injustiça social que predominavam em suas vidas (GUIMARÃES, 1985, p. 20).

Diferentemente do que ocorreu e ainda ocorre na manifestação religiosa de Juazeiro do Norte, no Ceará, a área da devoção à Santa Cruz não se mostrava promissora, não era a desejada terra prometida para aqueles que se refugiavam aos pés do morro da santa. Mas os devotos que ali ficavam, ignorando as adversidades territoriais e o solo seco e pedregoso, buscavam ardorosamente ter a proteção sob os pés de Santa Cruz, pois a terra que tinha a Santa como “dona” tornava-se terra de todos.

A movimentação em direção ao Santuário atraía os devotos, que vinham de várias partes do Piauí. Durante estes festejos, a cidade se transformava, sendo que o número de pessoas que passava a frequentá-la chega a 50 mil, considerando os devotos que permanecem na cidade durante a festa e aqueles que apenas participam da celebração e voltam para suas casas.

A cidade parava em respeito à celebração à Santa Cruz e, para alguns devotos, era o período mais importante do ano, momento em que se celebravam as graças alcançadas e se renovavam os votos, tanto através do pagamento da promessa, quanto do compromisso perpétuo de visitar o Santuário “enquanto tiverem vida e saúde”. A cidade se enchia de barracas, dispostas ao longo da rua e uma salva de foguetes marcava o início da celebração tão religiosa quanto profana, pois o devoto que celebrava a Santa Cruz também vestia sua melhor roupa e se enchia de alegria, disposto também a festejar: “As festas religiosas atuavam como agente de sociação uma vez que constituíam para as populações camponesas uma espécie de peregrinação à urbe, a um mundo pleno de novidades” (PEREZ, 2011, p. 24).

Os moradores da cidade e os demais fiéis aproveitavam as festividades para reencontrar seus familiares e conhecidos e para celebrar juntos os poderes milagrosos da santa. Nesse momento, os já devotos restabeleciam sua relação com a Santa Cruz, ao mesmo tempo em que os novos fiéis, pessoas que tomavam conhecimento dela através de outras que já foram agraciadas, buscavam encontrar nela a solução para seus problemas e o consolo para suas inquietações.

Os escritos mais antigos sobre Santa Cruz dos Milagres remontam ao século XIX, mais precisamente ao ano de 1881, quando é construída uma capela de pedra para abrigar a Santa, porém, nem mesmo essas notas dão conta da quantidade de devotos que

se direcionavam para a região. Mas será a partir da década de 1970 que os jornais do Piauí passarão a noticiar o grande número de devotos que seguiam em romaria para a cidade de Santa Cruz dos Milagres, na maioria das vezes, em caminhões chamados de paus-de-arara, levando famílias em louvor para renovação dos votos com a Santa.

Considerada por muitos como a mais tradicional e movimentada festa religiosa do interior do Piauí, Santa Cruz dos Milagres, localizada a alguns quilômetros do município de Aroazes, está atraindo a atenção de piauienses de todo o Estado para as novenas [...] essa verdadeira procissão de Fiéis de todos os cantos que partem em direção a milagrosa Igreja, cuja relíquia religiosa é consagrada pelos católicos piauienses (Jornal o Dia, 1976, p. 2).

A análise do primeiro Livro do Tombo revelou que os períodos de maior procura pela Santa eram os períodos de instabilidade econômica e também de desastres naturais, e, no caso específico de Santa Cruz dos Milagres, era a seca que interferia diretamente no cotidiano desses devotos:

[Festa de Exaltação – 1970] Este ano não era nada de esperar-se desta festa. Realmente a crise é terrível, já se reflete no povo a angustia pelos dias que virão certamente cheios de necessidade que alguns já começam a sentir. [...] o resultado financeiro da festa inesperadamente mais alto que o ano passado (Livro do Tombo I, 1968 – 1983, p. 23).

O Livro do Tombo confirma a percepção de que os devotos, em momentos de crise econômica e ambientais procuravam ainda mais o Santuário, tornando-o ainda mais concorrido, pois àqueles que se dirigiam a ele para agradecer, se somavam aqueles que iam até ele para pedir por saúde e trabalho. Novos e velhos devotos se encontravam e a cada relato de graça conquistada a Santa Cruz ampliava o número de fiéis, que passavam a segui-la, inspirados, inclusive, na crença de que encontrariam a cura e alcançariam outras graças.

A estiagem, aliada aos problemas socioeconômicos já existentes, agravavam ainda mais as condições de vida do sertanejo. É a fome e a pobreza que movimentavam romeiros em direção ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres. Os romeiros são homens e mulheres que, de modo contrito, clamavam pela chuva que poderá garantir boas colheitas.

[1971] A crise terrível pela qual o povo está passando, é fato conhecido, faz agigantar-se qualquer movimento social, sobretudo os de ordem religiosa. No caso específico de Santa Cruz, é a insegurança do povo, arrastando-o para o apêlo do sobrenatural, mas é também como os demais movimentos, uma espécie de fuga das tensões [...] (SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix 1968-1984, p. 111).

A celebração festiva era, acima de tudo, uma forma de agradecer, mas também um apelo do fiel, um desejo de ser ouvido pela Bendita Cruz de aroeira. Assim, para seus devotos, a cruz não era uma fuga, como pensava padre Davi Mendes, mas uma fonte de esperança por dias melhores, pela superação das dificuldades e por chuva, que garantiria uma boa colheita e, conseqüentemente, o retorno dos romeiros ao Santuário no ano seguinte.

O universo devocional está circunscrito às formas de compreensão do sagrado pelos fiéis, isto é, de como cada devoto vive a fé, com seus rituais de devoção. Nas festas, o sagrado e o profano dialogam e, antes de serem antagônicos, dão a lógica da festa, havendo espaço tanto para os atos de penitência, onde a dor significa plenitude e possibilita alcançar mais rápido o milagre, quanto de extravasamento da alegria. Como nos lembra Léa Perez (2002), as festas são, por um lado, um momento de congraçamento, no qual a transgressão e as normas se confundem. Mas nelas se dá também a reafirmação da devoção, através da confirmação do milagre. Neste sentido, a religião é “parte integrante e fundamental na estrutura da sociedade, e as celebrações religiosas se constituíram, a partir do século XVII, no momento quase exclusivo para que as pessoas se reunissem e se entregassem ao “lazer” (SANTANA, 2009, p. 49), sendo, portanto, marcadas por um tempo em que se reza e se ajoelha, mas também por um em que se bebe e se dança para exultar a alegria pela graça alcançada.

É preciso considerar que muitos dos que se dirigem à cidade de Santa Cruz se mobilizam apenas para participar da festa e visitar o santuário da santa, não se dedicando devotadamente aos rituais conduzidos pela Igreja no templo. Essa conduta, aliás, pode ser percebida como uma desobediência aos preceitos institucionais, o que não significa que “[...] Quando os fiéis estão reunidos, o estado de efervescência religiosa” não se traduza por “movimentos exuberantes que não se deixam facilmente

sujeitar a fins estritamente definidos”, pois eles escapam, sem objetivo preciso, pelo “simples prazer de se desdobrar”, como um jogo (PEREZ, 2002, p. 22).

Esses devotos, mobilizados pelas graças alcançadas, muitas vezes, seguem um rito coletivo, mesmo que fora das determinações institucionais. Eles podem seguir os ritos do grupo de romeiros ou os familiares, constituindo-se, assim, em uma devoção que é repassada por gerações, bastante flexível em relação aos milagres alcançados:

Embora as religiões exaltem a salvação e a vida após a morte, a maioria das pessoas busca na fé respostas para aflições cotidianas. No imaginário dos fiéis, a definição de milagre é elástica: ele pode ser grande, pequeno, reconhecido por todos ou percebido apenas intimamente. Neste contexto, o mártir ocupa lugar privilegiado tanto no discurso eclesiástico como nas manifestações da religiosidade católica (ANDRADE, 2008, p. 257).

As discussões propostas por Léa Perez e Solange Andrade corroboram as análises feitas sobre a devoção à Santa Cruz dos Milagres, pois os devotos vão ao encontro da divindade em busca de coisas objetivas. Seus desejos, para além de um encontro espiritual, são pautados por necessidades pessoais muito claras e pelo desejo de uma resolução de suas aflições cotidianas. Como apontado anteriormente, os devotos da Santa desejavam, a princípio, saúde e chuva para pôr fim à seca.

Santa Cruz dos Milagres tornou-se, assim, a santa protetora dos pobres agricultores. Vale lembrar que foi um vaqueiro quem primeiro recebeu uma graça da santa, um representante dos sujeitos que viviam naquela região do Piauí, muitos deles a léguas de distância de outras localidades, e, na maioria das vezes, “em pecado”, mantendo relacionamentos maritais com negras e mulatas, e experimentando os atos de fé apenas nas desobrigas.

Importante salientar a importância do vaqueiro no processo de formação econômica do Piauí, um indivíduo que representava a população livre em um cargo importante nas fazendas de gado, e, mesmo mestiço ou mulato, contava com a total confiança do dono da terra, o que acabava garantindo certa ascensão social, pois, segundo Brandão “[...] apenas a vaqueirice era compatível com o homem livre. Além desse aspecto, havia probabilidade de edificação de fazendas próprias [...]” (2015, p. 156). Inseridos na lógica escravista, esses vaqueiros garantiam seu lugar social pela aquisição de cativos, o que, em alguns aspectos, os assemelhava aos patrões.

Nesse território de práticas escravistas e de relações de poder marcadas pelo compadrio, o vaqueiro também surge como o sujeito que encontra o extraordinário, pois é a filha de um morador do sertão que alcança a primeira graça. A própria atuação desse vaqueiro atesta a importância que a cultura pecuarista teve para a formação do estado. Atividade que acabou produzindo constantes disputas pelo poder, e, conseqüentemente, instabilidade, fazendo que, também, sob esta perspectiva, o vaqueiro também possa ser visto como um sobrevivente do sertão.

Cabe salientar que as práticas devocionais sertanejas diferem das do homem do litoral, pois o homem sertanejo vive em um espaço que fomenta suas experiências com o sagrado, sendo o sertão o lugar das aparições misteriosas e martírios, que acabaram por tornar muitos homens e mulheres santos; como se pode observar no caso da Santa Cruz dos Milagres, que vive a seca devido às chuvas irregulares. Dione Moraes refere-se, desta forma, ao sertão piauiense:

[...] os lugares geográficos ou sociais identificados como sertão em sua trajetória histórica no Brasil – o Piauí não foge à regra – recebem avaliação ora positiva, ora negativa, dependendo do ponto de vista: interior perigoso/ fonte de riqueza; exílio/liberdade e esperança; inferno/paraíso (MORAES, 2006, p 17).

As práticas sociais dos sujeitos que viveram e, inclusive, o modo como enfrentaram as diversidades dizem muito sobre sua aproximação com o sagrado e com as divindades. O sertão, costumeiramente entendido como lugar inóspito, se caracterizava por uma expressão muito particular de religiosidade, como se pode observar nas rezas, nas promessas e nas narrativas dos vaqueiros e caçadores que relatavam seus encontros com o sobrenatural, o que fazia com que o povo que vivia nessas “paragens” se criasse temente a Deus e respeitando as coisas de outro mundo. O sertão não é, portanto, um espaço vazio, mas cheio de vida, como se pode observar na pela tradição oral que valoriza os mistérios e crenças do espaço onde vivem.

[...] para o entendimento desses sertões foi fundamental o encontro etnográfico com sertanejos e sertanejas do sudoeste piauiense em seu modo de vida e suas tradições orais que, como a do “fogo do campo” ou “luz do campo”, falam de fortunas acumuladas em segredo e escondidas, pelos antigos, em locais ermos como uma marca da

presença humana ancestral nas “chapadas”. São narrativas que, através de representações do além, referem as “chapadas” como terras de donos antigos e, ao mesmo tempo, assinalam esses locais como, de certa maneira, ermos, fins-de-mundo, e com um matiz sobrenatural (MORAES, 2006, p. 19).

É nesse espaço sertanejo, onde abundam os relatos orais sobre os milagres, que surgiu e se consolidou a devoção a Santa Cruz dos Milagres, uma santa que se diferencia dos santos tradicionais da Igreja Católica, pois não passou por processos de beatificação, nem santificação e, apesar de ter sido personificada por seus devotos, não possui uma hagiografia, não havendo nada escrito, especificamente, sobre ela. Vale lembrar, ainda, que a região onde se dá a devoção à Santa Cruz dos Milagres teve um serviço religioso ineficiente e, quando este foi introduzido, pouco se preocupou com as formas de devotar e celebrar do povo:

O serviço religioso, de tempos em tempos, para desobrigar, esteve restrito à administração dos sacramentos que por um lado massificou o crente sem respeitar-lhe o acolhimento consciente e livre, e por outro inculcava uma visão de excepcionalidade, de algo prescindível, ainda mesmo nas urgências da morte, isto propiciou uma catequese ou educação para fé, entendida como memorização das verdades a crer e dos preceitos a cumprir [...] (SILVA, 1982, p. 17)

A própria inserção da Igreja Católica no sertão do Piauí foi feita de forma a educar os fiéis para as boas práticas religiosas, afastando-os dos vícios que grassavam pelo sertão piauiense, mediante o ensino da doutrina e a administração dos sacramentos, mesmo que em algumas circunstâncias a pregação do padre parecesse inalcançável. A Divina Santa Cruz, por menos canônica que fosse, representava um importante elemento de devoção católica, sendo o símbolo dos primeiros fiéis, que usaram a cruz como símbolo de misericórdia e do sacrifício de Cristo, e, também, como instrumento de graça e expiação de pecados.⁴

A devoção à Santa Cruz dos Milagres se insere, portanto, nos movimentos religiosos rurais bastante comuns até o século XIX, dentre os quais se encontra a devoção a Padre Cícero, no Ceará, e a Bom Jesus, na Bahia. Este último, aliás, foi estudado por Carlos Alberto Steil (1996), que também percebe o espaço e as experiências cotidianas dos sujeitos como relevantes para o seu modo de crer. Apropriando-nos do olhar de Steil, podemos dizer que esses santos sertanejos formaram

⁴ Divina Santa Cruz e Bendita Santa Cruz são termos utilizados pelos romeiros/devotos para se referirem à Santa Cruz dos Milagres.

uma rede tão forte, que foi capaz de atrair, além dos fiéis, também os setores públicos e privados, que, a partir da década de 1960, se envolverão nessa manifestação de fé.

Mas a história de devoção à Santa Cruz dos Milagres conta também com um sujeito venerável, um beato, homem respeitado e conhecido nas paragens nordestinas e que atuou como mediador entre os devotos e a santa. Vale lembrar que nestas regiões do Nordeste brasileiro, os beatos atuavam como “missionários”, principalmente por sua aproximação com o povo. Eram respeitados por serem “homens santos”, que viviam a lógica da comunidade e dialogavam de igual para igual com eles, diferenciando-se dos padres e missionários que faziam as desobrigas no sertão: “os missionários encaravam as coisas dentro de uma racionalidade eclesial, enquanto o Beato vê o mundo a partir de uma racionalidade mística” (HOORNAERT, 1997, p. 24), na qual todos eram escolhidos por Deus e conseqüentemente sujeitos a experimentar o extraordinário. A função desempenhada pelo mediador é a de tornar o divino “acessível imediatamente a todos e tão próximo que o mediador humano ocupa papel de servidor religioso do sagrado grupal, e o próprio mediador da religião oficial (missionário itinerante) aparece revestido apenas de seu caráter funcional” (BENEDETTI, 1983, pp. 29-30).

Os escritos sobre Santa Cruz dos Milagres e sobre os sujeitos envolvidos na graça compõem as memórias da devoção, cada sujeito compôs do seu jeito as experiências vividas ao visitar o Santuário, ou mesmo ao ouvir as narrativas de seus antepassados, grande parte passadas oralmente, suas memórias são acionadas cada vez que retornava ao templo da Santa, sendo que, novas experiências eram anexadas aos seus relatos, o que, segundo Verena Alberti, tornava as narrativas vivas e, ao mesmo tempo, tão contemporâneas para quem as escuta;

[...] é da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu-e, por isso dá vida, [...] E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as descontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais [...]. (ALBERTI, 2004, p. 14)

As emoções eram expostas de modo alegre, pois comemoravam as graças promovidas pela Santa, logo, suas ações, postura e modos de se relacionar com a Santa

eram repetidos pelos filhos ou pelos conhecidos que vinham a primeira vez ao Santuário. Como em um ciclo, a festa e o ritual eram repetidos anualmente, assim como os supostos erros cometidos no ato de devoção. Padre Davi, nas suas memórias, expõe a devoção do povo e seu modo contrito ao encontrar a Santa, ao mesmo tempo em que critica o que ele chama de distorções no culto. Mas não deixa de pontuar o modo como o povo se dirige a Santa, e, em alguns momentos, o próprio pároco descreve com enternecimento os comportamentos dos devotos. Seriam esses romeiros, pessoas tomadas pelo desejo de cura e saúde em alguns casos problemas tão impossíveis para as mãos humanas, mas para os devotos possíveis se pedidos com fé.

[...] Percebe-se em todas as atitudes, no modo de falar nela [SANTA CRUZ], ao entrar no Santuário, ao beija-la depois das celebrações. É de não esquecer a velhinha tocando na cruz e passando depois a mão sobre os olhos cegos, na esperança de recobrar a vista. E quando a cruz por vezes é levada a outras comunidades, o trabalho para em todo o percurso, quando os moradores da margem da estrada querem ao menos vê-la de mais perto e tocar nela, na passagem (OLIVEIRA, 1990, p. 08).

Essa necessidade de tocar a relíquia e extrair dela seus poderes curativos nos remete as celebrações coloniais, as festas heterogêneas também trazia a mestiçagem daqueles que beijavam a bandeira do divino, momento onde os lábios de negros e brancos “se tocavam”, pois todos beijavam a bandeira do Divino Espírito Santo, como pontua Martha Abreu (2002) ao analisar as narrativas dos viajantes que cheios de preconceito falavam da atração que os negros sentiam pela bandeira do Divino, resguardando as devidas proporções diríamos que Santa Cruz dos Milagres exerce esse mesmo fascínio.

A Santa Cruz dos Milagres produzia em seus devotos um grande fascínio, eles desejavam tocá-la e levar uma relíquia que serviria de patuá protetor nos momentos de adversidade. A Cruz, que antes era apenas um símbolo da vitória de Cristo sobre a morte, passava, no sertão do Piauí, a ser vista como “aquela que opera curas” e seus pedaços, antes tidos como relíquias passaram a ser usados em chás e beberagens como atestam as ranhuras feitas em seu lenho.

No final dos anos sessenta e início dos anos setenta, ainda mais devotos buscaram a Santa Cruz dos Milagres. Em sua maioria, clamavam pela misericórdia

divina e viam na cruz a interventora capaz de auxiliá-los não apenas em relação às secas, mas, também, em relação às dificuldades advindas do período militar, tais como a crise econômica acompanhada de uma inflação flutuante.⁵ Vale lembrar que embora não fossem sentidos diretamente os efeitos do regime, os agricultores do interior do Piauí sentiam os efeitos da política econômica adotada pelos militares.

Festa de Exaltação Santa Cruz 1970 - Este ano não era nada de esperar-se desta festa. Realmente a crise terrível já se reflete no povo a angústia. Pelos dias que virão certamente cheios de necessidade que alguns já começam a sentir (Livro Tombo I – São Felix, 1968-1983).

No Livro do Tombo, Padre Davi Mendes menciona a quantidade de pessoas que participavam da festa, vencendo, inclusive, as dificuldades do trajeto, que, como já mencionado, na década de sessenta e setenta eram imensas. Muitas dessas pessoas e famílias inteiras se organizavam ao longo do ano que antecedia a festa para ficarem na cidade ao longo dos 10 dias. Na maioria das vezes, o deslocamento até a região era mais do que uma viagem motivada pela fé, pois envolvia também a busca por produtos, como roupas, calçados e especiarias e por entretenimento.

Durante os dias da festa, barracas, ofertavam todo o tipo de produtos e divertimentos, e se espalhavam pela cidade, o que dificultava o exercício pastoral e transformava a festa, que no olhar do Padre, deveria ser predominantemente religiosa, em uma festa também profana. No caso de Santa Cruz dos Milagres, vale lembrar que a suposta dualidade entre sagrado e profano é suavizado entre os romeiros, que percebiam as celebrações vividas na rua como extensão da devoção.

As festas e as procissões à brasileira revelam uma sociedade que, desde o seu começo, vive do espetáculo, das mudanças e da fusão de vários códigos e registros intermutáveis, que ri de si mesma, que poetiza as relações dos homens consigo mesmos e com os mundos nos quais vivem, ou seja, o profano e o sagrado (PEREZ, 2002, p. 43).

Os devotos aprimoravam a festa a seu modo, imprimindo nela suas experiências e modos de vivê-la, vivenciando um “sagrado de transgressão” (PEREZ 2002, p.31), no

⁵ Diferentemente de outros estados nordestinos, o Piauí não teve manifestações no campo em prol da Reforma Agrária, como os ocorridos na Paraíba, por exemplo.

qual o corpo que se prepara para o sacrifício da fé também se prepara para os atos profanos da festa. No caso de Santa Cruz dos Milagres, o povoado se organizava para as celebrações, assim como as cidades circunvizinhas que viam uma oportunidade de se confraternizar:

Vale dizer que a festa é necessariamente desordem, no sentido de transgressão das interdições e das barreiras sociais usuais. Ela promove uma imensa fusão comunicacional, por oposição à vida ordinária, que classifica e separa, que desgasta as energias da sociedade. A ordem é essencialmente usurária, o tempo é dilapidador (PEREZ, 2002, p. 31).

Analisando a Festa de Exaltação à Santa Cruz é importante destacar as sociabilidades que se conformam a partir dela. Muitos desses romeiros-devotos vivem a festa para além das experiências de fé na Sagrada Cruz, pois, durante ela, confraternizam com outros fiéis, recebem notícias de familiares e amigos e celebram a vida e a morte. Pode-se, portanto, afirmar que, por ocasião das festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, ocorrem reencontros, não apenas com a cruz, mas também entre os devotos que se dirigem à cidade a fim de pedir bênçãos e agradecer.

Retomando a Festa de Exaltação à Santa Cruz dos Milagres, diríamos que ela se constitui de uma celebração heterogênea, onde as bênçãos e o pagamento de promessas “dialogam” com as benesses trazidas com as festas, como as danças, as compras e as bebedeiras, o que não pode ser visto como algo apartado da celebração, mas como uma das partes da “devoção” à santa. Muitas dessas práticas que ocorriam durante a festa, e que serviam de atrativo para os devotos, tais como jogos, a venda de diversos produtos e a própria prostituição, foram tidas como inadequadas pelos padres, pois distanciavam a festa de sua dimensão sagrada.

Fechando o ciclo de Festas em homenagem à Santa Cruz dos Milagres, acontece, no dia de todos os Santos, o chamado “Encontro dos Santos”. Diferentemente das duas primeiras festas, a da Invenção e a da Exaltação da Santa Cruz, que se caracterizam por práticas e expressões de devoção religiosa criadas espontaneamente pela população, sem a intervenção de instituições religiosas oficiais, o Encontro pode ser denominado de festa “institucional”. O Encontro foi instituído em 1990, pelo Padre Davi Mendes de

Oliveira, como parte de sua estratégia de doutrinação dos fiéis e de ordenação das homenagens à Santa Cruz.

Assim já na festa o vigário convocou a Paroquia de S. Felix do Piauí, onde está implantado o Santuário, para a primeira Romaria Oficial, marcada para o dia 28 de outubro, domingo. O vigário foi depois a cada comunidade São Felix, Baixa Grande, Buriti do Castelo, Prata do Piauí, Aroazes e São Francisco levando o convite, preparando o tipo de organização, falando para o povo sobre o sentido do movimento. (Livro Tombo II – São Felix, 1984- 1993)

O Encontro dos Santos se constitui no “encontro” dos santos de cada paróquia piauiense, que, ao serem levados à Santa Cruz, promoveriam uma celebração celeste, pois reuniria os santos de devoção de todas as paróquias piauienses, agregando o povo e assegurando, assim, a ligação entre as paróquias piauienses e o Santuário. Além dessa ligação entre as paróquias, o Encontro deveria observar as regras propostas pelo Padre Davi Mendes, de forma que os fiéis devotassem “corretamente” a santa, afastando-se do comércio e das noites festivas, aproximando-se, assim, da ortodoxia católica.

A princípio, Padre Davi Mendes nomeou o “Encontro” de “I Romaria Oficial”, sendo que seu objetivo era instituir uma manifestação devocional mais organizada que, na comparação com as outras, deveria pautar-se, essencialmente, pelos rituais católicos e pela oração, distanciando-se das festas da Invenção e da Exaltação:

Cada comunidade deveria comparecer com o maior número de pessoas levando a imagem do seu padroeiro. Foi grande o entusiasmo entre todos os lugares. No dia 28, às 7: 30 horas da manhã já se encontravam todos no pátio da Fazenda Galiléia de onde saía a procissão, cada comunidade com o seu padroeiro até o Santuário, onde houve a missa (Livro Tombo II – São Felix, 1984- 1993).

Na primeira edição do Encontro dos Santos, o número de devotos foi considerável, e a alegria do padre se reflete nas menções feitas no Livro do Tombo à cooperação das comunidades próximas, e ao êxito da “sua” romaria, passo importante para um movimento que visava à doutrinação dos fiéis e à observância dos ritos previstos pela Igreja.

A pretensão de Padre Davi, ao inserir a festa em um movimento que deveria unir as paróquias, era de integrar os já devotos de Santa Cruz naquilo que definiu como a

verdadeira romaria à Santa Cruz dos Milagres, como o verdadeiro exercício da devoção, na medida em que os fiéis estariam mais próximos dos rituais católicos e mais distantes da parte profana da festa. Mas nem sempre o clero e a Igreja de fizeram presentes na região, o que parece explicar a manifestações de religiosidade popular que serão alvo da atenção do Padre Davi.

Nesses espaços de pouca ação da ortodoxia católica, surgiam santos que tinham seu espaço de devoção preservado, tanto por terem aparecido naquele lugar, quanto por terem sido levados para esses locais, nos quais era erguida uma capela de palha ou de pedra, que serviria para abrigar a imagem. Vale lembrar que sobre esses espaços especiais de veneração do santo a Igreja não exercia qualquer controle:

[...] A capela não é o lugar do padre. Ele é o local do santo e como tal elemento decisivo nesta religião popular. O grupo de vizinhança é fundamental à sobrevivência. O isolamento é sempre relativo e a economia de subsistência supõe auxílio vicinal, que é assegurado pelos laços religiosos, o mutirão aparece como algo dotado de caráter sagrado (BENEDETTI, 1983, p. 31).]

A própria relação que os fiéis mantêm com a Santa Cruz dos Milagres pressupõe a busca de sua proteção, de garantia de dias melhores, da cura de seus males e de terra para plantar, situação experimentada pelos moradores da região em decorrência do próprio processo de ocupação do Piauí. Muitos de seus devotos acabam por permanecer junto ao Santuário e na cidade de Santa Cruz dos Milagres, na expectativa de, pela proximidade com a cruz, ter graças alcançadas.

Ao buscarmos a compreensão sobre como se deu a relação entre os devotos e a santa, pudemos reconstituir o movimento religioso em torno da Santa Cruz dos Milagres desde sua formação até a construção do Santuário de Santa Cruz dos Milagres. Como movimento religioso a devoção não ficou restrita ao ambiente da Igreja Católica e suas homilias, houve ainda a intervenção do poder público, que modo sutil soube aproveitar da devoção, claro que essa intervenção pode ser vista como uma via de mão dupla, pois a ação de Padre Davi Mendes será extremamente relevante para aquisição de melhorias na região de Santa Cruz dos Milagres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a devoção no sertão piauiense é também refletir sobre a sobrevivência dos fiéis e da própria religião em um ambiente que por tanto tempo “vagou” com a pouca assistência religiosa, ou até mesmo com apagamento de algumas memórias, como a estada dos jesuítas na região centro sul do estado. O trabalho propôs refletir sobre a organização pastoral em Santa Cruz dos Milagres, pensando as ações da Igreja, do Estado, mas especialmente dos devotos – romeiros, que tem um modo todo especial de dialogar com a Santa.

O texto propõe inúmeras reflexões algumas delas serão mais bem apresentados no trabalho da tese, além disso, o texto busca pensar essa devoção sertaneja e seu dialogo com o meio com esse espaço rico em crenças, permeado pelas almas de outro mundo e por santos lenhos que curam pelo toque, que dão esperança aos descrentes. Santa Cruz dos Milagres nasce desse desejo do camponês piauiense de encontrar alguém ou algo que viesse ao seu socorro, a Santa de Aroeira, portanto se personificou e tornou-se a Santa protetora, dando a esses devotos alegrias, que se misturavam nas orações e bailes que ataiam os devotos.

Percebemos o Encontro dos Santos, criado em 1990, como uma das medidas efetivas para institucionalização da devoção, mas também observamos as táticas⁶ dos devotos como forma de manter suas práticas religiosas, que tiveram que ser anexadas as práticas da Igreja como forma de manter os fiéis e assim garantir o rito no Santuário. Assim mesmo as ações mais conflituosas entre Igreja e devotos, muitas vezes expostas no livro do tombo, não saem do papel, o que demonstra uma “vitória” do fiel.

As celebrações a Santa Cruz dos Milagres nos permite perceber como a religiosidade católica lida com a religião institucionalizada nesses lados do sertão nordestino, uma terra de ocupação tardia se comparada com seus estados circunvizinhos e de uma religião dispersa, mais ainda assim muito forte, tanto que tornou cada vereda, cemitério, estradas e altos de morro, morada de venerados mártires que piedosamente trouxeram luz e esperança a um povo que mesmo esquecido, soube celebrar alegremente as fantásticas maravilhas conquistadas pela benção dos santos.

REFERÊNCIAS

⁶ Aqui utilizamos o conceito de Michel de Certeau.

FONTES

Livro Tombo I – Paróquia de São Felix, 1968-1983.

Livro do Tombo II – Paróquia de São Felix, 1984- 1990.

OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes de. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história*. S/n, 1996.

SANTA CRUZ DOS MILAGRES ATRAI FIÉIS NA SUA FESTA. Jornal O Dia. Teresina 12 set 1976.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória Cronológica Histórica e Corográfica da Província do Piauí*.

ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós – Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Edufpi, 2015.

BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Romeiro e fé: um estudo sobre o Santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007. Dissertação de mestrado.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Os Santos Nômades e o Deus estabelecido: um estudo sobre religião e sociedade*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. 2ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. UFPR: Curitiba, 2004. (tese de doutorado).

_____. *Festas religiosas: a materialidade da fé*. In *História e Debates* n° 43. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

MORAES, Dione. Ainda queremos ser... tão? reflexões sobre identidade cultural e imaginário de sertão no Piauí. In *Público e Privado*. N° 7. Janeiro- junho 2006.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. Vol. I. Teresina: FUNDAPI; FMC, 2007.

_____. *Pesquisas para História do Piauí*. Vol II. Teresina: FUNDAPI; FMC, 2007.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. In PASSOS, Mauro (org.) *A Festa na Vida*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Festa, Religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa- Bahia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019